

Efervescência

Feiras de publicações se expandem com criação de biblioteca

Literatura e arte independente em circuito próprio

■ LUCAS SIMÕES

Há cinco anos, o quadrinista Jão lembra que a sina da maioria das publicações independentes de Belo Horizonte era ficar engavetada, à mercê de convites do aguardado Festival Internacional de Quadrinho (FIQ), realizado a cada dois anos na cidade. “Nessa época só tinha o FIQ. Era um evento muito legal para vender bem o seu trabalho, só que entre um festival e outro, as coisas ficavam paradas, sem ter onde divulgar, sem ter público”, analisa o artista. Hoje, porém, as gavetas começam a se esvaziar. É que em um contemporâneo cenário de efervescência, a capital vai inaugurar neste ano a primeira biblioteca de publicações independentes, no edifício Maletta, impulsionada pelo crescimento de feiras cada vez mais elaboradas.

Se entre 2007 e 2009 começaram a acontecer movimentos dispersos em feiras esporádicas, no Mercado Novo e no viaduto Santa Tereza, por exemplo, hoje, pelo menos cinco feiras voltadas a essas publicações têm ganhado espaço, público e reconhecimento (veja quadro ao lado). Entre elas, chamaram atenção as primeiras edições da Feira de Publicações e Artes Gráficas do Museu Mineiro, Feira de Publicações Independentes do Galpão Cine Horto e Feira Elástica – todas realizadas em caráter inédito, neste ano, e com pretensão de acontecerem anualmente.

Entre as pioneiras desse nicho está a Faísca – Mercado Gráfico, a primeira feira periódica da cidade, idealizada por Jão em parceria com a Pulo Comunicação. Em cinco meses de atividade, eles foram convidados para integrar o FIQ 2015, entre os dias 11 e 15 de novembro, depois de uma mudança brusca no cotidiano da cidade.

É que desde a inauguração da Faísca, em junho deste ano, todo terceiro sábado do mês é dia certo para reunir nada menos do que 45 expositores no Espaço BDMG Cultural, entre 11h e 17h. “Começamos fazendo convites às pessoas porque a gente não tinha noção de todo mundo que estava envolvido

nesse mercado. Se na primeira edição tivemos 20 inscritos, na segunda recebemos 60 propostas. Agora, fechamos em 45 e temos conseguido incluir todos. Nosso principal critério é variabilidade, dando um panorama do mercado gráfico em BH, como gravura, literatura, quadrinhos, inserção de fotografias”, diz Helen Murta, da Pulo Comunicação.

No mesmo rumo, a Feira Elástica de Publicações Independentes, organizada pelos coletivos Polvilho Edições, QuartoAmado, Memorial Batista, A Zica e 4y25, levou ao edifício Maletta uma pluralidade de trabalhos artísticos, como zines, livros e cadernos artesanais, que os coletivos decidiram criar a primeira biblioteca de publicações independentes.

Com cerca de cem obras armazenadas por enquanto, a livraria e galeria de arte 4y25 pretende inaugurar a biblioteca na primeira semana de novembro. “Vamos digitalizar todos os materiais que forem doados pelos artistas. Assim, quem vier aqui pode copiar o que quiser num pendrive de graça. Temos uma máquina de xerox também para quem quiser copiar a publicação e espalhar ainda mais os mate-

riais. Teremos oficinas também de materiais e de encadernação”, diz Matheus Dutra, integrante do Coletivo 4y25.

EDITORAS. Além das publicações artesanais, algumas editoras pequenas da capital também enxergaram nas feiras independentes uma maneira de aumentar a visibilidade, chegando até as grandes livrarias, mas sem se render a elas.

É o caso de Maria Nassif, que abriu a Relicário Edições há dois anos, publicando livros acadêmicos e de poesia. Para ela, apesar de as editoras ficarem com 40% a 50% do valor do livro, a livraria serve como um rótulo de credibilidade. “Muitos dos livros que encontramos são, por acaso, em uma livraria. Mas, se não fossem as feiras e os pedidos

que recebemos, claro que eu não estaria fazendo o que faço”, diz a editora.

A Nandyala Livros, especializada em temáticas étnico-raciais e questões de gênero, publica uma média de 1,2 livros por mês, e até conseguiu ter autores à venda em grandes livrarias como Leitura, Travessa e Cultura, a exemplo de autores como Conceição Evaristo e Pedro Matos, e um dos principais títulos, “Fela Kuti – Esta Vida Puta”, de Carlos Moore.

Mesmo assim, a forma que a editora encontrou para ter representatividade foi inaugurando, em 2012, a Festa Literária de Expressões Indígenas, Africanas e Afro-brasileiras (FliAfro) – que alterna edições em Belo Horizonte e no Rio de Janeiro. “Em grande parte das festas literárias, não há participação de escritores negros nem de escritores indígenas. Por isso, criamos essa, que terá a próxima edição no Rio, ainda este ano”, adianta Íris Amâncio, proprietária da Nandyala.

A empreitada deu tão certo que a editora vai relançar neste ano algumas obras esgotadas, como “A África que Incomoda” e “O Marxismo e a Questão Racial”, do cubano Carlos Moore.



Artisanal. O poeta Marcos Assis faz à mão livros e poesias em origamis

Feiras de Publicações Independentes

Faísca – Mercado Gráfico
Onde. Espaço BDMG (rua da Bahia, 1.600, Lourdes).

Quando. Terceiro sábado do mês, entre 11h e 17h.
Atrativos. Espaço de desenho para crianças e oficinas de publicações.

Feira Elástica
Onde. 4y25 (sobreloja 74 do edifício Maletta).

Quando. A primeira edição aconteceu em 17 de maio. Ainda não há data para a próxima feira.

Atrativos. Debates, oficinas e uma biblioteca.

Feira do Museu Mineiro
Onde. Museu Mineiro (avenida João Pinheiro, 342, centro)

Quando. A primeira foi

em 17 de julho e a próxima deve acontecer em 2016.

Atrativos. Mostra de filmes sobre as publicações.

Feira do Teatro Espanca
Onde. Teatro Espanca! (rua Araújo Reis, 542, centro)

Quando. A primeira aconteceu em 18 de abril. Sem previsão para outra.
Atrativos. Bate-papos, troca de livros e shows.

Variedades Literárias
Onde. Galpão Cine Horto (rua Pintagui, 3.613, Horto)

Quando. A primeira foi entre 16 e 22 de junho. Sem previsão para outra.

Atrativos. Debates, oficinas de dramaturgia e leituras dramáticas comentadas.



Público. A Faísca – Mercado Gráfico atrai cerca de 500 pessoas por edição e condensa boa parte da produção independente da cidade

Ativismo

Poesia e design como ato político

Organizados em movimentos coletivos que unem poesia, literatura, design, fotografia e artes visuais, as publicações independentes de Belo Horizonte passam por uma evolução além do estereótipo do estêncil e do xerox tão recorrentes na década de 80. Apesar de mais elaborados, os materiais ainda bebem na mesma fonte de quando tudo começou, há mais de 40 anos.

“Tenho receio quanto a algumas feiras porque, na última Flip, tinha um pessoal alternativo ao lado de grandes editoras. E você não forma seu público ao mesmo tempo que se dilui dentro da indústria. Por outro lado, as feiras começaram a ganhar força para es-

palhar essa produção, que tem um discurso forte das minorias. Na minha época não era comum ter jovem fazendo poesia, zine, editando livreto. Hoje é mais comum conviver com o discurso da contra-cultura, do que não é vigente”, analisa Marcelo Dolabela, um dos mais respeitados autores independentes da cidade, ativo desde a década de 70, com 30 obras publicadas.

Nesse sentido, a ilustradora Aline Lemos, do Coletivo Zinas, formado por sete mulheres da capital mineira, destila conteúdo forte contra o machismo, a homofobia e a subjugação da mulher. “Já fui perguntada algumas vezes o que achava de ter um trabalho chocante para alguns, por

tratar, por exemplo, de aborto, de sexualidade e de direitos LGBT. Mas, ao fazer essa pergunta, parece que se esquecem que, se esses são assuntos chocantes para uns, para outros é um alívio poder ler e discutir sobre suas experiências. Para mim, trata-se de colocar esses assuntos em discussão, mas também de comunicar diretamente com as pessoas que os experienciam. O cenário independente nos dá oportunidades muito boas nesse sentido. Podemos publicar coisas que dificilmente teriam saída em outros canais”, balanceia Aline.

Para o poeta Marcos Assis, do Sarau Goma e da Feira Elástica, diferente de obras presentes em livrarias e ban-

cas, a maior parte das publicações independentes oferece ainda o atrativo da diversidade de materiais e, em muitos casos, exclusividade. “Hoje em dia você vai numa gráfica, tem um milhão de opções de papéis, você tem design no computador, existe colagem, enfim, vários processos muito ricos de trabalho. Não é só um zine de xerox. E é isso que tem chamado a atenção: o cuidado de algo bem feito e que, em muitos casos, só foi produzido uma vez daquela forma”, diz o artista, que confecciona desde poemas em origamis até livros artesanais, como “Ano de Chumbo” (2014), em que a capa é feita com uma lixa preta de parede. (LS)

Pesquisa

“A capital tem seguido o caminho das feiras literárias”

Em tempos de “faça você mesmo” e efervescência de editoras e publicações independentes, a Câmara Mineira do Livro (CML) trouxe à tona, neste ano, a inédita publicação “O Livro em Minas Gerais”, que coloca os produtores independentes em destaque. Das 77 editoras presentes em Minas Gerais, sendo 56 na capital e 21 no interior, 80% delas são de pequeno e médio porte. E foi a partir desse cenário que a CML se deparou com uma situação até então inédita no Estado.

“Normalmente, nossas editoras associadas pagam uma mensalidade fixa, de acordo com o porte – pequena e média ou grande. Tivemos um caso excepcional há alguns dias, quando o poeta Rodrigo Ricardo, da Poesias Escolhidas Editora, nos procurou dizendo ser um microempreendedor, menor ainda do que as editoras convencionais e independentes. Agora estamos analisando se poderemos incluir um novo tipo de mensalidade, para editoras ainda menores. São novos tempos”, diz

Rosana Mont’Alverne, presidente da CML.

Além disso, Rosana ressalta que as feiras literárias, incluindo as independentes, são as principais responsáveis por formar o público consumidor de literatura em uma cidade. Ela cita o exemplo de Poços de Caldas, que recebe a FliPoços há 11 anos, e o nível de leitura de toda a população é o maior do Estado. “Enquanto Belo Horizonte tem uma média de 2,4 livros lidos por ano, Poços de Caldas tem um índice de 4,34. E isso se explica porque no interior há uma cultura forte de festival literário, incentivo à leitura muito mais encorpada do que na capital, que também tem dado seus passos importantes. Esse é o caminho para que alguém se interesse em ir a uma feira, por exemplo, e compre um livro não tão conhecido, fora das vitrines. A capital tem seguido o caminho das feiras literárias. É o mais importante para se formar público”, diz Rossana. (LS)



Mercado. Maíra vende livros em livrarias e de forma independente



Iniciativa. Íris Amâncio fundou a Nandyala Livros e a feira FliAfro

LINCON ZARBETTI